



PERCURSO HISTÓRICO DO AUTISMO INFANTIL PARA A PSICANÁLISE E PARA A PSIQUIATRIA

Autor (a) Jaqueline Tubin Fieira; Orientador (a) Giseli Monteiro Gagliotto

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: jakefieira@hotmail.com

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: giseligagliotto@ig.com.br

Resumo: O presente artigo propõe buscar historicamente, o percurso teórico das investigações acerca do autismo na criança, para a psicanálise e para a psiquiatria. Notamos que o autismo, por ser um tema permeado de mistérios, gera questionamentos e interesses em diferentes áreas do conhecimento. No entanto, objetivamos discutir teoricamente, como o autismo se configura atualmente, influenciado pelo aporte psicanalítico. Como o método de pesquisa é o materialista histórico dialético, a investigação histórica e crítica acerca do autismo, se faz necessária para a compreensão dos caminhos e do percurso do estudo sobre a criança com autismo nos moldes atuais. O presente artigo é uma pesquisa de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa. Concluimos, em consonância com a psicanálise, que a criança com autismo, deve ser olhada e compreendida como um sujeito, para além do diagnóstico médico.

Palavras-chaves: Autismo; Psicanálise; Criança.

1 Introdução

O presente artigo é fruto das investigações teóricas oriundas da pesquisa na pós-graduação *stricto sensu*, do Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) campus de Francisco Beltrão – PR.

Propomos buscar historicamente os conceitos do autismo, para a psiquiatria e para a psicanálise. A partir do apanhado teórico, acerca da evolução histórica dos estudos e pesquisas do autismo, torna-se possível a compreensão dos direcionamentos e das configurações, do autismo, na atualidade.

Ressaltamos que, formalmente, os primeiros estudos psicanalíticos sobre o autismo se deram nos EUA no início do século XX, mesmo momento histórico em que o autismo surge como entidade clínica, ou seja, com particularidades próprias para a psiquiatria. Assim a psicanálise encontrava-se sobre forte influência da psiquiatria e vice-versa. Desta forma, como os precursores psicanalistas nessa área residiam nos EUA, notamos a importância que a psiquiatria representa na incorporação do autismo pela psicanálise.

Objetivamos neste artigo, discutir de forma teórica, os aspectos que influenciaram a retomada dos debates acerca do autismo na atualidade. As discussões sobre o autismo foram



intensificadas nos meios de comunicação como rádio, internet e TV, principalmente, a partir da instituição da Lei Berenice Piana, aprovada em dezembro de 2012, que inclui o autista como uma pessoa com deficiência. É importante apontar que tais veículos de comunicação têm exercido um papel importante na divulgação e informação das peculiaridades do universo autista.

Neste artigo, abordaremos parte da história e evolução dos estudos sobre o autismo, que influenciaram os moldes contemporâneos. Logo, propomos uma discussão teórica a respeito da evolução histórica do autismo para a psiquiatria e para a psicanálise, e apresentaremos os primeiros psicanalistas que atenderam, clinicamente, crianças com autismo.

2 Metodologia

Para embasar o referencial metodológico, inicialmente compreendemos que, conforme Lakatos e Marconi (2008) todas as ciências são caracterizadas pela utilização de métodos científicos, entretanto, nem todos os ramos de estudos que utilizam métodos são ciências. Assim, se por um lado a utilização de métodos científicos não é de uso exclusivo da ciência, por outro lado, não há ciência sem o emprego do método científico.

A partir deste entendimento, o aporte teórico utilizado, na presente pesquisa, tem o intuito de investigar como o estudo do autismo se consolidou e atingiu o status atual, para a psicanálise. O método de investigação é o materialismo histórico dialético, por meio, de uma pesquisa de cunho bibliográfico.

O método de investigação, materialista histórico dialético, prevê uma análise dialética sobre o autismo na história moderna, para que atingisse a perspectiva social atual. Assim, a escolha desse método possibilita uma compreensão crítica e dialética a respeito do autismo, regida pelas leis do capitalismo.

Entendemos, portanto, que a presente pesquisa se reconhece como um processo aberto e em construção, que questiona e investiga historicamente sobre a fundamentação e a contribuição da teoria psicanalítica para a compreensão do autismo na atualidade.

3 Resultados e discussão

Iniciamos o presente trabalho, apontando o fato, que é considerado historicamente o primeiro estudo sistemático do autismo infantil. Neste fato, temos, pela primeira vez, definições conceituais, divulgadas, tanto na medicina, como na educação, acerca do autismo infantil, que contribuíram para a trajetória evolutiva da psiquiatria e da psicanálise infantil.



Em 1799, caçadores encontraram em um bosque, ao Sul da França, um menino, em estado quase selvagem, com aparentemente 12 anos de idade. Após ‘capturado’, o menino foi levado para Philip Pinel, na França. Após ser avaliado, recebeu o diagnóstico de idiota, portanto, segundo seus estudos, o prognóstico era negativo e a doença irreversível. Entretanto, Itard, discípulo de Pinel, discordou de seu mestre e defendeu o pressuposto de que o menino poderia ser educado e, conseqüentemente, reintegrado à sociedade, apesar de ser “privado dos conjuntos dos conhecimentos sociais e, em particular, da linguagem, devido a seu isolamento profundo” (BERCHERIE, 2011, p. 127). Victor apresentou melhoras, mas não ao ponto de reversibilidade, portanto, os estudos de Itard foram considerados um ‘semi-fracasso’, visto que, o menino realmente foi considerado um idiota (conforme sistema classificatório da época), entretanto, apresentou significativas evoluções com os métodos educacionais empregados pelo pesquisador (BERCHERIE, 2011).

Sobre o caso, Feijó (2007) destaca que Itard acompanhou Victor (nome escolhido pelo próprio Itard, por significar vitória) numa instituição de surdos-mudos, para onde o menino selvagem foi enviado, após a conclusão de que o ele não se comunicava e, mais grave ainda, parecia não compreender as orientações repassadas. O método pedagógico adotado por Itard consistia no intuito de despertar a inteligência do menino a partir de cinco metas: 1) interesse pela vida social; 2) despertar a sensibilidade nervosa; 3) ampliar a esfera das ideias; 4) levar ao uso da fala e; 5) exercitar operações da mente. Bercherie (2011) aponta que o menino Victor, foi acompanhado por Itard durante cinco anos, e se tratava de um dos casos, da história da psiquiatria, publicado com maior riqueza de detalhes, inclusive nos fracassos. Fatores que chamam a atenção até os dias atuais, e que faz com que o caso, seja retomado em diversas pesquisas.

O que também engrandece a importância e a notoriedade do caso do Menino Selvagem, como lembrado por Póstel e Quéstel (1987) é o fato de que, a partir dele, os psiquiatras começaram a se debruçar no estudo das psicoses infantis, assim ele é considerado o marco histórico que desencadeou as primeiras pesquisas nessa área. Em outras palavras, as psicoses infantis representaram, a partir do caso de Itard, um novo objeto de estudo para a medicina (MARFINATI; ABRÃO, 2011).

Inúmeros autores referenciam o episódio do ‘Menino Selvagem de Aveyron’ como o primeiro caso publicado na história, de tratamento de uma criança com autismo. (BERCHERIE, 2011; FEIJÓ, 2007; BRANKS-LEITE e GALVÃO, 2000; PÓSTEL e QUÉTEL, 1987). Destacamos que na época o autismo não era considerado como entidade clínica, ou seja,



classificado como uma doença. Todavia, todos os comportamentos de Victor relatados no estudo, induzem ao diagnóstico de que o menino selvagem se tratava na realidade, de uma criança com autismo. Portanto, este caso é carregado de representações históricas e metodológicas, afinal, além de ser o primeiro caso divulgado de uma criança com autismo e de instigar, na psiquiatria, o olhar para a infância, ainda demonstra aspectos metodológicos iniciais que tornam possível a clínica com crianças com autismo.

Com a decorrência destes estudos, na década de 1820, aumentaram, significativamente, as pesquisas e as observações sobre as tentativas de tratamento para os idiotas, originadas principalmente, no Hospital de Salpêtrière. Duas décadas mais tarde, ganhou destaque neste campo, o método educativo, anteriormente, utilizado por Itard, que influenciou a psiquiatria infantil, representando a médico-pedagogia. Método este que, na segunda metade do século XIX, influenciou o aumento de centros voltados ao diagnóstico e tratamento de crianças idiotas (MARFINATI; ABRÃO, 2011).

O caso do Menino Victor influenciou Séguin, um dos mais importantes alunos de Itard, na retomada dos métodos de seu mestre, originando um marco importante na história: a origem da educação especial. Nos EUA, Séguin fundou todo o sistema institucionalizado voltado para crianças ‘anormais’ e inspirou a nova pedagogia da época, por se tratar de um olhar para a criança e um sistema de classificação dessas crianças para as classes especiais (BERCHERIE, 2011).

Marfinati e Abrão (2011) fazem referência ao psiquiatra alemão Kraepelin por influenciar de forma direta o estudo sobre a doença mental, com a publicação de sua obra monumental *Tratado da psiquiatria*, de 1890 a 1907. O autor classificou uma nova forma de doença mental, aquela que afeta os pacientes prematuramente, assim, por entender que a demência aparece muito cedo, a denominou de *Dementia praecox* (demência precoce), mas não faz referência à psicopatologia infantil, visto que, para a psiquiatria da época as crianças eram consideradas, unicamente, como adultos em miniaturas.

Jerusalinsky (1984) também aborda a importância de Kraepelin, afirmando que, ao estabelecer o diagnóstico da demência precoce, influenciou o aparecimento das entidades nosográficas, relativas à loucura na infância, de formas diferenciadas. Como consequência, surgem os termos ‘psicose infantil’ e ‘esquizofrenia infantil’ que antecedem o termo ‘autismo’ propriamente dito, ou seja, para referir-se a uma entidade clínica.

Assim, evidenciamos que a história das doenças mentais, inicialmente entendida e nomeada como loucura, se desenvolveu lentamente, e de forma ainda carregada de pré-conceitos, hipóteses e



fundamentos questionáveis. Fatores estes que eram agravados e até negados, quando as discussões se voltavam para as crianças, tanto que, as obras de psiquiatras importantes como Kraepelin e Bleuler não faziam referência à psicopatologia na infância.

(...) nessa época, os transtornos da conduta infantil só interessavam os psiquiatras quando pareciam conter um diagnóstico criado para adultos (...). Em suma, as enfermidades psíquicas da infância não interessavam aos psiquiatras (...). Desse modo, as doenças mentais infantis eram classificadas segundo os moldes da nosografia psiquiátrica do adulto e tinham como proposta de tratamento o emprego de métodos educacionais, ou não eram passíveis de tratamento (MARFINATI; ABRÃO, 2014, p. 249).

Bercherie (2011) enfatiza que a primeira geração dos tratados de psiquiatria infantil, nas línguas alemã, francesa e inglesa, foram publicadas, apenas na segunda metade do século XIX, mais especificamente, no final da década de 1880. Antes disso, as referências à doença mental, na infância, eram mencionadas, timidamente, e sem predominância, como Esquirol em 1838 que diferenciou uma criança mentalmente defeituosa de uma criança psicótica; o médico psiquiatra Wilhelm Griesinger (1817 – 1868) que dedicou parte do seu famoso livro (Tratado sobre patologia e terapêutica das doenças mentais), em 1845, aos problemas psiquiátricos da criança; e o psiquiatra britânico Henry Maudsley (1835 – 1918) discípulo de Griesinger, que fez referência à ‘insanidade no começo da vida’ em seu livro *Physiology and Pathology of the mind* (Fisiologia e Patologia da mente).

Nesta mesma linha, Stelzer (2010) aponta o livro de Maudsley, publicado em 1867, como um dos marcos históricos consagrados sobre a compreensão das patologias nas crianças, mesmo reconhecendo que o capítulo voltado às crianças, se tratava de uma tentativa primitiva de relacionar o estado de desenvolvimento infantil com sintomas patológicos.

A educadora austríaca Heller também contribuiu para o desenvolvimento das pesquisas psiquiátricas e educacionais sobre o desenvolvimento das patologias na infância e introduziu o termo ‘psicose infantil’. Em 1908, a educadora acompanhou seis crianças que apresentavam um quadro clínico estranho e não descrito, com propriedade, até o momento. Após o desenvolvimento, aparentemente, típico na criança, com aproximadamente 3 ou 4 anos, elas iniciavam o desenvolvimento de um quadro regressivo com características não esperadas como rápida diminuição de interesse pelo ambiente e pelas pessoas, perda da fala ou aparecimento de uma linguagem estereotipada, perda do controle esfíncteriano, retardamento mental, demência com maneirismos das atividades e nos gestos (BERCHERIE, 2011; STELZER, 2010). Pesquisadores acreditavam que tais crianças deveriam ser classificadas como dementes precoces. Entretanto, ao



analisar as características elencadas, as evidências tendem para o diagnóstico de autismo nas crianças observadas por Heller.

Marfinati e Abrão (2014) destacam que o caso do ‘Menino Selvagem de Aveyron’ estudado por Itard em meados do século XIX, além de ser considerada uma das mais importantes de toda a história da psiquiatria infantil, permite que a psicanálise inicie uma reflexão sobre o autismo, campo que era até então, exclusivo da psiquiatria. Evidenciamos, por meio deste extrato, a importância que os estudos com o Menino Selvagem representam para a história da infância, tanto para a construção das psicopatologias infantis na psiquiatria, quanto para um olhar da psicanálise para os conflitos emocionais originários na infância.

Além deste caso, que representa um importante laço entre a psiquiatria e a psicanálise, Marfinati e Abrão (2014) abordam também que, um dos primeiros entrecruzamentos da psiquiatria com a psicanálise, é originado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857 – 1939), ao renomear o quadro, inicialmente, proposto por Kraepelin como demência para esquizofrenia. Consequentemente, tanto a demência precoce como a precocíssima, foram reclassificadas como esquizofrenia infantil. A renomeação deste novo transtorno, descoberto e observado já na criança, provocou na psicanálise estudos sobre a infância como uma etapa do desenvolvimento importante e contundente, que era negada e indiferente para os estudiosos da época.

Becherie (2011, p. 134) aponta que “a progressão da clínica psicopatológica da criança efetuou-se essencialmente através dos estudos dos psicanalistas e podemos dizer que ela é, cada vez menos, separável dos esforços psicoterápicos a ela consagrados”. Para o autor, enquanto a clínica psiquiátrica do adulto é, originariamente, anterior à psicanálise, a estruturação da clínica psiquiátrica infantil só é possível em virtude dos estudos psicanalíticos sobre as crianças. Remontamos, portanto, a importância e o peso que a psicanálise representa para a compreensão da criança na sua totalidade, dos transtornos mentais na infância e por despertar o interesse e a possibilidade de tratamento psicológico e psiquiátrico para as crianças.

A pioneira sobre a técnica psicanalítica aplicada com crianças foi Anna Freud (1895 - 1982) a filha caçula de Freud. Anna publicou livros importantes sobre o tema, como ‘O tratamento psicanalítico de crianças’ (1927), ‘O ego e os mecanismos de defesa’ (1936) e ‘Infância normal e patológica’ (1965). Mesmo sendo considerada a precursora da técnica dentro da psicanálise, Calzavara (2012) enfatiza que Anna suponha o atendimento pela via pedagógica e defendia que, na clínica com crianças, as investigações deveriam permear as manifestações do ego ao invés de focar



nos conflitos do inconsciente. Defendia, portanto, que os sintomas na criança, divergem dos sintomas nos adultos.

Calzavara (2012) destaca que o tratamento clínico com crianças, para Anna Freud, deveria, além da técnica analítica, utilizar o conhecimento pedagógico, pois reconhecia a dificuldade em utilizar a psicanálise pura com as crianças. Inclusive, “o viés educativo perpassa o tratamento psicanalítico proposto por Anna Freud” (p.57). Assim, no decorrer de sua evolução, como pesquisadora, Anna se distanciou da psicanálise, atitude que ela mesma reconhece. Em 1927 afirma que a técnica pedagógica associada à técnica analítica é preciosa para o tratamento clínico infantil, por entender que a criança, é um ser em desenvolvimento.

Merece destaque especial Melanie Klein, por ser a psicanalista que marcou a história com a real possibilidade do tratamento psicanalítico com crianças, ao desenvolver a técnica lúdica como uma forma de análise. Klein, auto intitulou-se uma precursora fiel de Freud, pois, aprimorou a teoria psicanalítica, ao direcioná-la para a compreensão da infância. Além de, lidar com as dificuldades da teoria freudiana, voltada para as crianças, substituiu a associação livre¹ nos adultos pelo brincar nas crianças (GUELLER; SOUZA, 2008). Evidenciamos que Klein, diferente de Anna Freud, estava focada em investigar o inconsciente infantil. Para tanto, entendia a brincadeira durante a terapia, como um caminho para o inconsciente, portanto, o substituto da associação livre.

Para Gueller e Souza (2008) a nova ferramenta, que permite a análise com crianças, a técnica lúdica desenvolvida por Melanie Klein, marcou o início da técnica do brincar, tanto que, em seu primeiro artigo publicado em 1919 ‘Desenvolvimento de uma criança’ a psicanalista já fazia referência à técnica, mesmo que, neste período ainda não a descreve formalmente. Klein percebia que o jogo simbólico e a simbolização traziam muita utilidade para a criança, já que, a capacidade de simbolização na criança, permite que ela expresse seus conteúdos inconscientes, por meio, das representações e das identificações com personagens e brincadeiras.

Verificamos que Klein buscou aproximar o máximo possível, a técnica analítica clínica, desenvolvida por Freud, para os adultos, com a técnica clínica analítica para as crianças. Para tanto, substituiu a ‘palavra’ pelo ‘brincar’, fator que produziu uma mudança essencial na técnica psicanalítica.

Nesta mesma senda, Calzavara (2012) sublinha que, as investigações teóricas de Klein, por meio, da técnica do brincar, resultaram numa nova compreensão acerca do desenvolvimento

¹ A associação livre é o método terapêutico por excelência da psicanálise. Freud o inventou em substituição ao hipnotismo no tratamento das neuroses. Na associação livre o paciente é orientado a dizer o que lhe vier à cabeça, deixando de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos.



emocional infantil, referente à exploração da fase mental mais primitiva. Gueller e Souza (2008) destacam que tal exploração, se refere aos aspectos primordiais no desenvolvimento infantil. O principal deles é a presença do sadismo, de forma intensa na criança, manifesto pelo superego que opera, precocemente, e de forma mais rígida do que no adulto. Conseqüentemente, o sentimento de culpa existente, na criança, e pode inibir sua expressão e seus sentimentos em relação às pessoas amadas.

Gueller e Souza (2008) apontam a importância do brincar, do jogo e do simbólico sobre a capacidade de pensar, de explorar as fantasias e da autonomia desenvolvidas nas crianças, com transtornos mentais, ao lembrar que o primeiro tratamento psicanalítico de uma criança com autismo – O caso Dick – que foi realizado por Melanie Klein, em 1930, e publicado no seu artigo: ‘A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego’. Lembramos que o autismo foi considerado entidade clínica em 1940, assim Klein atendeu essa criança, antes mesmo da classificação formal do autismo, como uma doença e particularidades próprias, para a psiquiatria.

Para Petot (2008) o caso Dick, criança de quatro anos, muda e retardada, se tratava de um caso no qual as inibições do brincar e das associações livres dificultavam a produção de material suficiente para as interpretações necessárias. Além disso, o contato frio e distante impedia a intervenção do analista, pois, não era possível nem figuração simbólica, nem manifestação afetiva durante as tentativas de aproximação da psicanalista com a criança.

Klein, ao relatar sobre o caso Dick, assinalou algumas características da criança, que posteriormente, demonstram que se tratava de uma criança com autismo. O menino, de quatro anos, foi comparado a uma criança de 15 ou 18 meses, quando se observava, a pobreza de seu vocabulário e de suas realizações intelectuais. Dick, dificilmente explanava afeto ou preocupação, com a ausência/presença, da mãe ou da babá. Raramente demonstrava interesse por alguma brincadeira ou objeto e não possuía contato com o ambiente. Não demonstrava interesse em utilizar seu pobre vocabulário, apenas repetia alguns ruídos, e quando raramente falava, o fazia de forma desconexa. Klein, concluiu que, não se tratava, apenas, da dificuldade de se fazer entender, mas na realidade, o menino também não tinha vontade de fazê-lo (AZEVEDO, 2011).

Tratava-se, portanto, de uma análise lenta e complicada e que, inicialmente, desconcertou Melanie Klein. No entanto, a partir desta análise, Klein divulgou aspectos contundentes e importantes, acerca da sua teoria sobre a psicopatologia infantil, entendida como a mais importante da história recente (PETOT, 2008).



Para Klein há “a descoberta da existência na criança pequena de formas de psicose irreduzíveis àquelas observadas no adulto” (p.155). Portanto, enfatiza que o sofrimento e as psicoses observadas nas crianças estão no mesmo grau daquelas dos adultos, isso pelo fato de que, o sadismo no seu apogeu, durante a infância, precisa ser dominado pelo ego, por meio dos mecanismos de defesa e que facilmente assume a máscara de retardo (PETOT, 2008).

Notamos, portanto, que as pesquisas de Klein, entre 1927 e 1932 contribuem para o encontro das psicoses infantis, tanto com a psicanálise quanto com a psiquiatria. Petot (2008) anuncia que as teorias e a classificação de Klein tornaram possíveis e até anteciparam os progressos em relação à psicopatologia infantil, que inclusive, tiveram estudos mais detalhados e formais, somente meio século mais tarde.

Outra contribuição, tão brilhante quanto Klein, refere-se a Françoise Dolto, que também se dedicou para as possibilidades da clínica analítica com crianças. Dolto, inicia seus estudos, acerca da psicanálise com crianças, na década de 60, apoiada pela teoria lacaniana.

Rosa (2009) remonta que “a criança lacaniana é essencialmente inserida na estrutura desejante da família” (p. 66). Ao considerar essa máxima, Dolto, compreende que a criança é o efeito do desejo do Outro², que remonta a determinação histórica e social do sujeito. O inconsciente, portanto, é compreendido como uma experiência social; tais aparatos teóricos influenciaram os estudos e os atendimentos clínicos de Dolto.

A possibilidade de tratamento analítico, na França, para as crianças com patologias, foi inaugurado por Dolto na década de 30. Portanto, Dolto marca a história, como a pioneira, na França, com a utilização da técnica analítica, com crianças consideradas ‘anormais’ na época.

A partir dos referenciais teóricos de Dolto, Kupfer (2004) aborda que, a criança com autismo, desenvolve um esquema corporal, que funciona de forma autônoma ao sujeito. De certa forma, é como se não existisse, uma relação de causalidade entre o corpo e a linguagem. Este aspecto é chamado de ‘viscosidade’ e pode ser observado, nos casos, de crianças com autismo, que não sabem beijar seu semelhante; quando tal atitude é ensinada, este autista aprende, apenas, encostar os lábios na outra pessoa.

Dolto definiu esquema corporal, como uma ferramenta que organiza a relação entre o sujeito e o mundo. O esquema corporal funciona, como uma espécie de intérprete da objetivação do sujeito, e dá suporte para a imagem corporal – que existe desde a concepção, e a todo o momento. A intersubjetividade, do sujeito, é ocasionada pelo seu esquema corporal, este por sua vez, provoca a

² O termo Outro, com referência à obra freudiana, corresponde a uma conotação genérica daquele (s) que se ocupa (m) dos primeiros cuidados do bebê (FERNANDES, 2000).



sensação de prazer, em direcionar a linguagem para o outro. Assim, a criança com autismo, apresenta dificuldade na elaboração do suporte do esquema corporal, portanto, não desenvolve o prazer pela comunicação (KUPFER, 2004).

As considerações, sobre o desenvolvimento das psicopatologias, que surgem como consequências, do estabelecimento do esquema corporal, são investigadas por Dolto. Kupfer (2004) discorre que é possível notar, na criança com autismo, à aparente perda do reconhecimento das vozes dos familiares, além de tornar-se muda, essa criança se torna não ouvinte, para as palavras humanas, absorvendo apenas os ruídos. O outro se torna fonte de sensações e não de percepções.

Dolto, nesses casos, pergunta pelo sujeito que deveria estar presente desde o início do nascimento. Mas seja qual for a razão, ele não assume, pela mediação de uma imagem corporal, um esquema corporal, que passa por isso a “viver sozinho, como um espécime anônimo da espécie”. Há, segundo ela, uma separação entre sujeito e corpo (...). O sujeito parece retirar o desejo do seu corpo e tenta a descansar do trabalho de viver com esse corpo na realidade (KUPFER, 2004, p. 2).

Compreendemos, portanto, o significado da relação entre, o esquema corporal e a linguagem, no desenvolvimento do sujeito. Dolto (1996) relacionou a evolução do sujeito, com a capacidade de expressão de suas angústias, que vai além do corpo – entendido como o “mediador primeiro entre ele e o mundo (p. 54). Essas expressões, por meio de sons, gestos, sinais e linguagens mediadoras, com a intenção de traduzir a angústia humana e ter a capacidade de transcendê-la, para se relacionar com os outros, não ocorre com os autistas de maneira satisfatória.

Após este apanhado, sobre as principais influências psicanalistas, acerca da compreensão da criança, Rosa (2009) lembra que, para Anna Freud, a criança aparece sobreposta à infância. A criança persiste no que lhe permitiu imaginar um bom começo e que, conseqüentemente, evitaria a neurose. Nesta vertente, Klein concebeu que a análise infantil, seria uma forma de evitar as neuroses. Respalhada pelo aparato teórico mais psicanalítico, enfatizou a primeira infância, o bebê, ao teorizar um Édipo precoce, antes do Complexo de Édipo freudiano, para tornar possível a clínica com crianças pequenas. Por fim, Dolto, buscou a primeira cena, compreendida como a pré-história do sujeito, no discurso de seus pais, que é impregnado pelo imaginário social. Abarcamos, a partir da explanação destas importantes contribuições, acerca da possibilidade da clínica com crianças, que a psicanálise está estruturada, no que tange, a compreensão e o olhar para a criança quanto sujeito desejante.

4 Conclusão



A partir do presente artigo, compreendemos a evolução e trajetória histórica do autismo para a psicanálise e para a psiquiatria. Notamos que tais áreas, representam fortes enlaces, desde o início dos estudos e descobertas acerca do transtorno do autismo.

Inicialmente a psiquiatria, voltada para o estudo da loucura e, posteriormente, voltando a atenção para os estudos, do que na época era chamado de idiotia, percorre um longo caminho para chegar ao patamar atual sobre a compreensão da doença mental. Há momentos em que a psiquiatria e a psicanálise percorrem caminhos diferentes, no entanto, evidenciamos que, no tratamento de crianças com autismo, a psicanálise e a psiquiatria precisam estar lado-a-lado, para garantir o tratamento adequado para os sujeitos com autismo.

A psicanálise, em todo o seu percurso histórico, sofreu fortes críticas e julgamentos, no que tange, às suas descobertas. Em relação ao autismo e história se repete. Ainda notamos uma disputa teórica infundada, que parte do pressuposto da centralidade do conhecimento e da valorização excessiva de determinadas formas de tratamento, como se fossem únicas e exclusivas. Entretanto, notamos que a psicanálise se preocupa com o autismo, desde que surgiu como abordagem de tratamento e compreensão das doenças mentais.

Durante todo o percurso histórico, destacamos as psicanalistas infantis renomadas como Anna Freud, Klein e Dolto. Suas contribuições, além de valiosas, representam a preocupação e o olhar para a criança, fatores fundantes para a psicanálise infantil. Enfatizamos, portanto, que as crianças com autismo, foram realmente olhadas pela psicanálise.

Por meio do aporte teórico destacado, concluímos que a grande contribuição da psicanálise refere-se ao olhar a criança com autismo para além de suas estereotípias. A criança, além do autismo, ou seja, compreender a criança com um sujeito, como uma construção histórico social. A psicanálise, respeita os limites da criança, natural em todo ser humano, entretanto, dar ouvidos e olhos para as crianças com autismo, representa, sem dúvida a contribuição mais especial da psicanálise, para o estudo do transtorno do autismo.

5 Referências

AZEVEDO, F.C.; **Autismo e Psicanálise: o lugar possível do analista na direção do tratamento.** Curitiba: Juruá, 2011.

BERCHERIE, P. A clínica psiquiátrica da criança. Tradução de Oscar Cirino. In: CIRINO, O. **Psicanálise e Psiquiatria com crianças.** Desenvolvimento ou estrutura. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 123-144.

CALZAVARA, M. G. P.; (2013) Anna Freud e Melanie Klein: o sintoma como adaptação ou solução? **Tempo Psicanalítico.** Rio de Janeiro, 45 (1), p. 323- 338.



Dolto, F. (1996). **No jogo do desejo** (V. Ribeiro, trad., 2a ed.). São Paulo: Ática.

FEIJÓ, M.C. **O Garoto Selvagem em Três Tempos**: Victor de Aveyron e uma história cultural da inteligência. In: FACON, número 18, 2007.

FERNANDES, L. R. **O olhar do engano, autismo e o Outro primordial**. São Paulo: Escuta, 2000.

GUELLER, A. S. e SOUZA, A. S. L. **Psicanálise com crianças**: perspectivas teórico-clínicas. São Paulo: Casapsi, 2008.

JERUSALINSKY, A.; **Psicanálise do Autismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

KUPFER, M. C. M. **Autismo: uma estrutura decidida?** Uma contribuição dos estudos sobre bebês para a clínica do autismo.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo. <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000003200400010005&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 28 de abril 2016.

LEITE, L.B.; GALVÃO, I. Uma introdução à história de Victor de Aveyron e suas repercussões. In: BANKS-LEITE, L; GALVÃO, I. (Orgs.) **A Educação de um Selvagem**: As experiências pedagógicas de Jean Itard. São Paulo: Cortez, 2000. p. 11-24.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARFINATI, A.C.; ABRÃO, J.L.F. (2011). O pensamento psicanalítico sobre o autismo a partir da análise da revista *Estilos da Clínica*. **Estilos da Clínica: Revista da infância com problemas**, 16 (1), 14-31.

MARFINATI, A.C.; ABRÃO, J.L.F. (2014). Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito do autismo. **Estilos da Clínica: Revista da infância com problemas**, 19 (2), 244-262.

PETOT, J. M. **Melanie Klein I**. 2a ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ROSA, M. D. **Histórias que não se contam**: o não-dito na psicanálise com crianças e adolescentes. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

STELZER, Fernando. **Uma pequena história do autismo**. São Leopoldo: Pandorga, 2010.